

ZOONOSES E A IMPORTÂNCIA DA MEDICINA VETERINÁRIA NA SAÚDE ÚNICA

ZOONOSES AND THE IMPORTANCE OF VETERINARY MEDICINE IN ONE HEALTH

ZOONOSIS Y LA IMPORTANCIA DE LA MEDICINA VETERINARIA EN LA SALUD ÚNICA

Maiara Graziella Nardi¹
Rennê Leonardo Sant'Ana Gomiero²

RESUMO: Este artigo busca mostrar a importância da inserção do profissional da Medicina Veterinária na Saúde Única, principalmente quando o tema é *educação* em saúde, bem-estar e prevenção de zoonoses e nas complexas interações entre esferas ambiental x humano x animal. Nos últimos anos, houve um avanço significativo nas políticas públicas e no incentivo de leis que fomentam a valorização do bem-estar animal. Isso traz à baila a importância do profissional da medicina veterinária: inserido em outras práticas, as quais englobam a saúde integral dos animais que convivem com o ser humano, a qualidade dos produtos de origem animal para consumos humano e animal, e planejando e materializando medidas efetivas preventivas e de controles levando em conta o modelo ecocentrista. O profissional da Medicina Veterinária tem o cabedal para tal atuação integral e multidisciplinar, que se estende para além do cuidado da família e seus animais de estimação, mas que mira também para a colaboração com os profissionais de saúde que, de modo geral, atuam muito especificamente do cuidado humano. Pretende-se mostrar a relevância das zoonoses para considerar a saúde global; o surgimento do conceito de Saúde única; a função do médico veterinário na educação voltada à Saúde única. Objetiva-se mostrar, sobretudo, que essa educação levará em conta fatores de ordem ambiental e animal para uma abordagem sistêmica do ser humano, um *animal* racional, participante e constituído pela natureza que o rodeia. Saúde Única implica, assim, cuidado multidirecional e multifacetado, pensado para todas as espécies, simultaneamente. 3654

Palavras-chave: Medicina Veterinária. Saúde Única. Zoonoses.

ABSTRACT: This article seeks to demonstrate the importance of integrating veterinary medicine professionals into One Health, particularly when it comes to health *education*, welfare, and zoonosis prevention, in the environmental versus human, and human versus animal spheres. In recent years, there has been significant progress in public policies and legislation that promote the value of animal welfare. This highlights the importance of veterinary medicine professionals: embedded in other practices that encompass the comprehensive health of animals living with humans, they implement preventive measures, taking into account the ecocentric model. Veterinary medicine professionals possess the resources for such comprehensive and multidisciplinary work, which extends beyond the care of families and their pets, but also focuses on collaboration with healthcare professionals who, in general, work specifically in human care. The aim is to demonstrate the relevance of zoonoses to global health; the emergence of the One Health concept; and the role of veterinarians in One Health education. The aim is to demonstrate, above all, that this education will take into account environmental and animal factors for a systemic approach to human beings, rational animals, participants, and those constituted by the nature that surrounds them. One Health thus implies multidirectional and multifaceted care, designed for all species simultaneously.

Keywords: Veterinary Medicine. One Health. Zoonoses.

¹Estudante do curso de Medicina veterinária PUCPR/ Toledo.

²Professor orientador no curso de Medicina veterinária PUCPR/ Toledo.

RESUMEN: Este artículo busca demostrar la importancia de la participación de los profesionales veterinarios en Una Salud, en particular en la *educación* para la salud, incluyendo el bienestar y la prevención de zoonosis, en las esferas ambiental versus humana, y humana versus animal. En los últimos años, se han producido avances significativos en políticas públicas y legislación que promueven el valor del bienestar animal. Esto resalta la importancia de los profesionales veterinarios: integrados en otras prácticas que abarcan la salud integral de los animales que conviven con humanos, implementan medidas preventivas, considerando el modelo ecocéntrico. Los profesionales de la medicina veterinaria cuentan con los recursos para este trabajo integral y multidisciplinario, que va más allá del cuidado de las familias y sus mascotas, y se centra en la colaboración con profesionales de la salud que, en general, trabajan específicamente en el cuidado humano. El objetivo es demostrar la relevancia de las zoonosis para la salud global; el surgimiento del concepto de Una Salud; y el papel de los veterinarios en la educación de Una Salud. Sobre todo, se busca demostrar que esta educación considerará los factores ambientales y animales para un enfoque sistémico hacia los humanos, animales racionales, participantes y constituidos por la naturaleza que los rodea. Una Salud, por lo tanto, implica una atención multidireccional y multifacética, diseñada para todas las especies simultáneamente.

Palabras clave: Medicina Veterinaria Una Salud. Zoonosis.

INTRODUÇÃO

O tema da Saúde Única exige previamente estabelecer o conceito geral de saúde. Este foi estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda em 1947, e afirma que saúde deve ser entendida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade”. Essa definição amplificou a concepção então vigente – ainda bastante difundida, quase 80 anos depois – segundo a qual uma pessoa é saudável quando está livre de doença. De fato, a proposição da OMS torna necessária uma análise *macro*: o meio em que vive cada ser humano também deve estar em conformidade com a manutenção de sua saúde.

3655

Quando se discute sobre o meio em que o ser humano vive, aqui, adotaremos a visão ecocentrista. Sabemos que a tendência de observação e abordagem ainda se baseia no modelo egocentrista, que toma o homem como centro de tudo; porém, mais do que nunca se faz emergencial entender e adotar o modelo ecocentrista, que considera a coexistência entre homens, animais e meio ambiente, um dependendo do outro. Nesta perspectiva, podemos trazer vários coadjuvantes e um desses são os animais de estimação, que têm um papel importante na estrutura familiar e social, bem como na sanidade psicológica dos indivíduos e mesmo na recuperação de doentes. Porém, o número de animais errantes ainda é expressivo, o que provoca gradativo incômodo e induz políticas públicas. Animais silvestres perdem seus espaços em reservas reduzidas e com alimentação escassa, e muitas vezes acabam migrando para o meio urbano, em busca de alimentos, o que, por sua vez, causa comoção social crescente e demanda intervenção pública. Em específico, essa transformação social traz para a Saúde Única a

problemática epidemiológica das zoonoses, dadas as amplas condições favoráveis à transmissão de agentes entre animais e humanos.

Percebe-se claramente, porém, que existe grande dificuldade em fazer cumprir o conceito definido há muito tempo de Saúde Única. Há muitas lacunas a serem enfrentadas pelo Sistema de Saúde Pública, porém, a educação em saúde é uma proposta positiva para tal problema, uma vez que ela pode gerar grande e positivo efeito em nível individual e coletivo. Arriscamos dizer que um dos objetivos principais, em primeira instância, seria a mudança de entendimento sobre a saúde única, naquilo que ela mantém de restrito (saúde como combate à doença).

MÉTODOS

O percurso metodológico implica pesquisa orientada e elaboração de resultado escrito, tratando dos seguintes momentos estruturais: de início, análise de conceito ampliado – parte-se do conceito de Saúde para encontrar sua ampliação no de *Saúde Única*; em seguida, a transformação correspondente no modo de entender a Medicina Veterinária em sua função social – que passa do atendimento a demandas localizadas e particulares para a atuação preventiva, também na Saúde pública e em políticas de governo e de Estado; essa ampliação, por fim, encontra amadurecimento na nova proposta da Saúde Única, ou Uma Só Saúde. Como recurso de método aponta-se o caso das zoonoses e o papel do médico veterinário no conhecimento, prevenção educação para a Saúde Única. O método utilizado envolve o procedimento inicial e central da revisão de literaturas, debates de orientação e análise de dados.

3656

REVISÃO DE LITERATURA

O CONCEITO DE SAÚDE

Antes de tudo é necessário traçar um esquema, um desenho que deixa evidentes algumas marcas no percurso do conceito de Saúde até chegar à concepção ampliada da Saúde Única, que nos interessa desenvolver. Sabe-se que a filosofia cumpriu bem seu papel de rainha das ciências e não seria diferente quando falamos na ciência da saúde. Nesta esfera, a filosofia cumpre com o dever de definir correntes, ou seja, caminhos, que possibilitem a criação e escolha de teorias e sistemas que ocasionarão práxis inteligíveis e sensíveis. Entre os gregos, vemos desenvolverem-se, exatamente no mesmo período histórico – os séculos V e IV a.C. – a ciência histórica, com Tucídides, a medicina, com Hipócrates, e análise das partes, movimentos e geração dos animais, com Aristóteles. Isso permite ligar o desenvolvimento da Medicina e da Medicina Veterinária,

ou pelo menos do estudo sobre os animais, aos conceitos e a uma história racional. Por isso alguns momentos históricos da evolução da Medicina são associados às transformações no conceito de Saúde. Embora estejam listados breves momentos, estes devem ser suficientes para os limites da introdução ao estado de questão.

De fato, é uma pergunta válida: como o conceito de saúde (ou o de doença) foi entendido, em cada época, conforme as vertentes de pensamento filosófico? O recorte do que é esse movimento, sem maiores especulações e sugestões, tem o intuito de obter a base conceitual que sustenta a autocompreensão do médico veterinário.

Iniciando pelo período grego, sabendo que existiram antes correntes que já haviam de algum modo lidado com o tema. Citado na maioria dos tratados como o pai da Medicina o grego Hipócrates (460-370 a.C.) ganha a honra de figurar como iniciador da medicina, científica, mesmo que os tratados hipocráticos apontem a probabilidade de vários autores (HEGENBERG, 1998). O que Hipócrates promoveu foi a consolidação de observações anteriores e ampla produção de novas, guiado pela ideia de causa natural das doenças. Com isso, evitava a suposição da interferência de divindades maléficas ou punitivas. Acompanhando o desenvolvimento da racionalidade grega, que nessa época via atuarem Sócrates e, em seguida, Platão, Hipócrates entendeu o corpo como parte do cosmos; estes, parecia naquela época, composto sobretudo por quatro elementos, e por isso, o corpo humano deveria ser também pensado como equilibrado entre eles. Seriam os “humores” esses elementos físicos que se combinavam em cada indivíduo diferentemente. Haveria quatro tipos fisiológicos básicos, conforme o equilíbrio entre seco, úmido, quente e frio. A doença corresponde ao desequilíbrio dessa composição, sendo que o tipo fisiológico

3657

influiria tanto na resistência a certas doenças quanto no tratamento, mas sempre segundo observações naturais, não místicas ou religiosas, e obedecendo à ideia de equilíbrio/desequilíbrio. Veja-se que, aqui, as ideias de saúde e doença estão inteiramente centradas no corpo individual.

No século II, Galeno (131-201), nascido em Pérgamo, aperfeiçoou a teoria hipocrática. Ele entende que o espírito (pneuma) cósmico entra no corpo pela respiração, assim como o espírito natural entra pela alimentação. Ar e alimentos, passando pelo coração, por sua vez entrariam no sangue. No coração se produz o espírito vital, que chega ao cérebro, assim como o espírito animal, que atinge os nervos. Com Galeno, as descobertas de Hipócrates acabam por se firmar. O importante é que o estado geral dos corpos sãos era analisado, a sintomatologia listada,

procedimentos de intervenção, exame e análise iam se configurando, estabelecendo conexões universais, racionais, entre modos de vida, adoecimento, tratamento. A ideia de equilíbrio funcional e de relação entre elementos constituintes da harmonia fisiológica passa a dominar. No entanto, tudo dependia da ideia dos humores, do desequilíbrio, pensando o corpo como unidade geral.

Os romanos pouco fizeram além dos gregos. Foram os árabes que trouxeram para a Europa um conhecimento sistemático sobre doenças, pois preservaram, traduziram e estudaram obras médicas e científicas da Índia e da Grécia, durante o fim da antiguidade clássica e primeiros séculos da idade média. Foi sobretudo na primeira metade do século IX que iniciou-se esse contato, e, cerca de cento e cinquenta anos depois, o filósofo Avicena (980-1037), de origem árabe, condensou os conhecimentos médicos gregos e árabes em um tratado.

Somente o advento da modernidade trouxe concepções de medicina e saúde que modificaram e ampliaram o legado antigo. A Anatomia Patológica e a Anatomia Experimental surgiram nos séculos XVII e XVIII. Lentamente foi se fixando a ideia de fisiologia, mesmo quando entendida como governada pela alma. Estudos sobre os nervos e os músculos foram desenvolvidos. A ideia de complexidade vai deixando para trás a noção geral de equilíbrio dos humores em um corpo substancial, pensado isoladamente. Os órgãos, os tecidos, nervos e músculos passaram a ser estudados em seu comportamento próprio. Em 1665, o cientista inglês Robert Hooke, valendo-se da microscopia, desenvolveu a pesquisa científica sobre a estrutura das células. Grandes avanços na pesquisa e novas possibilidades de conceber a saúde vieram de suas pesquisas. Somente um século mais tarde, porém, teve início a Histologia moderna, com os estudos de Xavier Bichat (1771-1802). Bichat foi anatomista e patologista. Suas pesquisas revelaram 21 tipos de tecido orgânico humano e, mais importante, mostraram que esses tecidos faziam parte da composição dos órgãos. A novidade é a ideia de complexidade dos órgãos, equivalente à descoberta da complexidade do corpo humano. Quando se mostra que determinado órgão está composto por certo número de tecidos, pode-se indicar mais especificamente o foco de adoecimento, o estado e localização da lesão, o tipo de tratamento adequado. A combinação entre atenção à estrutura celular, uso de aparelhos (microscópio, como no caso de Hooke) e compreensão da complexidade dos órgãos e tecidos orgânicos (Bichat) geraram campo para grande desenvolvimento da medicina e permitiram repensar concepções antigas. Somou-se a isso, na segunda metade do século XIX, o avanço da Microbiologia, sobretudo com as pesquisas de Louis Pasteur (1822-1895). Pasteur é um nome interessante para

a atual concepção de Saúde Única, pois suas descobertas envolvem desde a causa da fermentação das bebidas (como o vinho, a cerveja, o leite) até o desenvolvimento de vacinas e atenção à higiene de materiais médicos. Pasteur foi levado, por seus estudos, a supor que todas as doenças eram produzidas por microorganismos que se propagavam em meios favoráveis. Apesar de sua limitação, essa ideia poupou milhares de vidas, já que a pasteurização, a assepsia de materiais e as vacinas mudaram a medicina ao redor do mundo. Assim, pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico acompanham a mudança dos conceitos, e até os provocaram: a saúde certamente pode ser dita como equilíbrio, como era entre os gregos, mas equilíbrio de quê? Na antiguidade, pensava-se tratar-se da harmonia ou equilíbrio entre os quatro elementos, ou dos humores na proporção devida a cada tipo fisiológico, como em Galeno. As descobertas da ciência moderna mostram que, se alguns agentes causadores de doenças vêm de fora, não são agentes espirituais e desconhecidos, mas têm caráter objetivo – microorganismos, p.ex. – e podem ser estudados, conhecidos. A doença, por sua vez, não aparece mais apenas como desequilíbrio, mas como algo muito mais específico e natural: uma lesão ou dano a tecidos, por exemplo, provocada por microorganismos, e a qual deve ser examinada em sua extensão, profundidade, características físicas, químicas e biológicas, etc. Da ideia de saúde como o equilíbrio dos humores em uma substância corpórea simples, passa-se à complexidade da fisiologia do ser vivo. É importante notar que nesse movimento a atenção ao mundo objetivo, em redor do corpo humano, se eleva, na ciência médica. Isso permitirá que, aos poucos, descubra-se um conceito de saúde positivo, que não reflete mais a fuga do desequilíbrio, isto é, a mera ausência de doença.

3659

A cronologia das descobertas e concepções não acaba por aí, é claro – apenas nosso recorte. Essa muito restrita listagem e descrição pretende fazer perceber como a saúde foi sendo embasada, em cada época, a partir de um questionamento de fundo, de conceitos interligados de corpo, saúde, doença e mundo, algumas vezes entendida pelo viés também filosófico; portanto, já existia um olhar singular ou uma perspectiva para este. Assim, a história da medicina acompanha a ampliação do olhar sobre a saúde, passando do controle das doenças em corpos individuais para a atenção ao conjunto da população, para as espécies animais em contato com os seres humanos, e por fim para o meio ambiente como um todo, Lain Entralgo, p.ex., entende a história da medicina como história de concepções:

A história da Medicina é, portanto, tanto a série das atividades pessoais, coletivas e institucionais pelas quais o homem tem realizado, conforme a determinados paradigmas

científicos e dentro de situações histórico-sociais diferentes, suas sucessivas capacidades de entender, curar e prevenir a doença, mais amplamente, para promover a saúde, como, por outro lado, o relato sistemático dessa constante obra criadora e operativa. (1978, p. 19).

Falta a essa descrição, ao ver dos autores, justamente a noção de que o conceito central da medicina – a saúde – se amplia. Um momento decisivo nessa história, não mencionado por Entralgo, é a modificação da concepção de saúde como bem-estar físico e equilíbrio fisiológico, que acaba por ser apenas a concepção negativa de evitar ou curar doenças, para a ideia de pertencimento saudável ao meio. A grande ampliação que então vai começar a ser preparada acabará por colocar em uma unidade de operação gestores políticos, medicina humana e veterinária, biologia, estatística, etc.

Acompanharemos agora as ampliações propostas pela OMS, as quais antecedem e preparam o surgimento da ideia de Saúde Única.

O CONCEITO DE SAÚDE AMPLIADO PELA OMS

Podemos agora dar um salto para definição de saúde proposta pela OMS (Organização Mundial de Saúde) que em 1946 a definiu como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade” (Ministério da Saúde, 2025). 3660

Temos nesta definição uma aparente abrangência do estado de saúde que destitui aquele olhar negativo de ausência de doença. Porém, essas condições de ‘completo bem-estar’ físico, mental e social estão desarticuladas, ou seja, ‘estado de completo bem-estar’ parece um estado no mínimo fantasioso, num país como o Brasil, que está no ranking dos países mais desiguais do mundo. Se seguirmos ao encontro das lições da filosofia da medicina, a respeito, é inevitável trazer à baila a grande contribuição freudiana. Sigmund Freud era médico, e em seus escritos³ mostrava-se de maneira recorrente que a perfeita felicidade do indivíduo na civilidade constitui-se uma impossibilidade, ou seja, o que existe para o homem em uma civilização é o mal-estar. Essa lição não é negativa, ela ensina que a saúde implica a atenção e a intervenção em bases muito amplas, as da civilização em geral. Outro aspecto importante a ser observado é a desarticulação, na definição da OMS, entre os âmbitos físico, mental e social, um entendimento de um sujeito cartesiano, *res extensa, res cogitans*, inserido em uma sociedade e não *parte* desta, isolado frente à natureza hostil e não *parte* dela. Aqui, percebemos como esta visão perdeu o

³ Sobre esta passagem, ver *O mal-estar na civilização*, publicado por Freud em 1930.

espírito investigativo e questionador, colocando-se numa perspectiva unidirecional, imediatista, ainda sem perspectiva preventiva ampla. Em 1946, de fato, o mundo apenas saía da guerra mundial, e a atenção se voltava mais para reerguer as nações e instituições, ainda sem atenção à simbiose com o mundo natural.

Mostraremos a seguir a perspectiva chamada Saúde Única (*One Health*), que parte de uma modificação inovadora das questões de fundo.

A PERSPECTIVA INOVADORA – SAÚDE ÚNICA (ONE HEALTH).

Uma perfeita e compacta apresentação do tema pode ser encontrada como *abstract* em artigo de E. Horefti, publicado em 2023, na revista *Pathogens*: “A Saúde Única reconhece fundamentalmente que a saúde humana está ligada à saúde dos animais e ao meio ambiente. (p. 12).

O termo “Saúde Única” (*One Health*) vem sendo cunhado ao longo das últimas décadas. Em 1964, Calvin Schwabe, médico veterinário, propôs que a medicina e a medicina veterinária colaborassem para combater as doenças zoonóticas. Daí resultou o conceito ‘Medicina Única’. No ano de 2004, décadas mais tarde, reuniram-se em Nova York especialistas em saúde humana e animal da Sociedade de Conservação da Vida Selvagem, para um Simpósio que focou em doenças crescentes em humanos, animais domésticos e selvagens. Esse evento ficou conhecido pelo documento resultante, ‘Os 12 princípios de Manhattan’. A grande observação, ali, foi que rompendo-se as barreiras entre indivíduos, profissões, especialidades e técnicas conseguiram conhecimento, inovação e questionamentos necessários para enfrentar os desafios emergentes nas várias interfaces (humana, animal, ambiental). No ano de 2008, a Saúde Única tornou-se uma realidade política internacional. (LOBO et.al., 2021)

3661

No Brasil, foi já a partir do ano 2000 que começou a ganhar espaço o que é chamado “Uma Só Saúde”, que pretende estabelecer uma abordagem integrada, reconhecendo a conexão entre saúde humana, animal, vegetal e ambiental. A abordagem propõe a comunicação e colaboração entre diferentes disciplinas e setores a fim de planejar soluções de modo mais abrangente e efetivo.

Saúde Única nos traz o entendimento de que cada organismo é único, mas sua evolução depende da coexistência articulada e interdependente entre as esferas social-coletiva, animal e ambiental. Ou seja, o individual e o todo são vistos como únicos uma vez que não existe o todo sem as partes nem as partes subsistem sem o todo. Embora pareça trivial, essa afirmação implica

enorme mudança de perspectiva, porque as ciências especializadas, as técnicas e as políticas públicas não estão orientadas para a unidade entre seus afazeres e o todo. A expressão “cada um faz a sua parte” contém uma verdade necessária para a pesquisa científica e a gestão pública, mas o que ocorre quando uma nação não tem unidade de propósitos políticos e projetos unitários. A resposta pode ser vista na desarticulação entre as inúmeras esferas de gestão social, entre os centros de pesquisa científica, etc., resultando nas catástrofes de respostas lentas a grandes desastres. Pensar Saúde única exige abertura, olhar e atitude conectados de forma multidisciplinar, sistêmica e contínua. De acordo com isso, afirma o Ministério da Saúde:

A ‘Uma Só Saúde’, (...) se refere a uma abordagem integrada que reconhece a conexão entre a saúde humana, animal, vegetal e ambiental. A abordagem de Uma Só Saúde propõe e incentiva a comunicação, cooperação, coordenação e colaboração entre diferentes disciplinas, profissionais, instituições e setores para fornecer soluções de maneira mais abrangente e efetiva.

Existe grande inquietação e um caminho desafiador dentro da Saúde Única, justamente por esse olhar exigente que integra abordagens filosóficas, sociais e políticas de entendimento da realidade. Podemos atribuir a esses desafios a dificuldade da inserção do Médico Veterinário nessa esfera ou seu reconhecimento (como coadjuvante desse sistema) em passos tão lentos em alguns locais? Ou devemos atribuí-lo à formação do profissional, que não o prepara para um posicionamento ético, teórico e político quanto a seu espaço de direito? Esse tema não integra o escopo específico do presente artigo; aqui, queremos mostrar justamente a importância que o profissional médico veterinário tem para compor esse olhar e pensamento multidisciplinar, uma vez que a proposta da Saúde Única, até onde percebemos, inicia contando ativamente com a perspectiva desse profissional. Mais que isso, o modelo de compreensão do mundo, proposto pela Saúde única, é o de uma abordagem ecocentrista, em que o ser humano é parte de uma teia complexa que inclui fauna, flora e recursos naturais, um dependente do outro para a sobrevivência, e o médico veterinário deve necessariamente fazer parte dos responsáveis por esse objetivo.

3662

O conceito de Saúde única soa em geral utópico, mas sua relevância pode ser medida pelos mais de 12.000 resultados obtidos em rápida pesquisa sobre o tema junto ao Centro para Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos. O crescimento notável da atenção à Saúde única certamente se deve, em grande parte, à recente pandemia mundial do Covid-19. Nações tiveram de organizar a saúde pública a partir do trabalho conjunto de médicos, médicos veterinários, patologistas, epidemiologistas, iniciativa privada, órgãos públicos de pesquisa e

gestão, etc. Isso despertou a atenção para uma concepção integrada de Saúde. Qual será, porém, a função do médico veterinário, para a Saúde única? Em que medida as zoonoses se mostram centrais para exigir a presença dos veterinários na promoção de um novo paradigma médico, quanto ao conceito de saúde em específico? Qual a área estratégica de atuação, para além da pesquisa e ação de tratamento? Como a medicina veterinária atuaria para promover a Saúde única, numa ideia positiva e não mais apenas reativa?

IMPORTÂNCIA E LUGAR DA MEDICINA VETERINÁRIA NA SAÚDE ÚNICA: ZOONOSES EDUCAÇÃO E SAÚDE HUMANA

A Medicina Veterinária contribui para a implementação e manutenção da Saúde única ao monitorar doenças emergentes, incentivar campanhas de vacinação e políticas que protejam não apenas animais domésticos, mas também a fauna silvestre e o ambiente em que estas vivem. Assim, o veterinário torna-se agente fundamental para a prevenção de desequilíbrios que possam repercutir na saúde coletiva. Essa lista mostra o papel do médico veterinário ainda no eixo de combate ao desequilíbrio. Trata-se, porém, de que tenha uma função ativa e positiva, de promover uma saúde totalmente nova, que está concentrada na expressão “Saúde única”, ou “Uma só saúde”.

3663

A antiga proposição da OMS ligava a promoção da saúde ao cuidado com o meio em que vive cada ser humano. Direitos básicos como esgoto, moradia, urbanismo, saúde mental, espaços de lazer, cuidados com a fauna e a flora, pesquisa integrada, entre outros, previnem desastres como epidemias e pandemias. Deve-se implementar uma visão sanitária renovada; no horizonte, começa a aparecer a dimensão epidemiológica das zoonoses, dadas as amplas condições da vida moderna favoráveis à transmissão de agentes entre animais e humanos. Se tradicionalmente a educação em saúde estava restrita a regras de higiene individuais e públicas, isto já não é suficiente em um mundo globalizado, em que seres humanos e natureza se aproximam cada vez mais. A mesma tecnologia e a mesma ciência que permitem combater problemas, se desprovidas de atenção ao todo podem potencializar os desastres. A OMS certamente se encaminhava para uma atenção integral, que não desconecta o todo das partes.

Essa dimensão maior convergiu para um novo paradigma, a perspectiva do Ecocentrismo⁴. Esse tema vem sendo tratado sobretudo desde os anos 1990, e o importante aqui

⁴ “Esta concepção define a ética ecocêntrica, que surge a partir das ideias de Aldo Leopold na década de 1940, mas que passa a ser mais bem conceituada na década de 1980. Atualmente, já existem pesquisadores que se debruçam sobre os temas do ecocentrismo e vêm publicando estudos em diversas áreas com foco nesta ética ambiental”

é que a preocupação ambiental deve ser conectada aos valores gerais *de cada indivíduo*. Não basta que governos gestionem ações de Saúde unificada: cada cidadão deve dar importância às demais pessoas, plantas e animais como partes de um todo que adoece em conjunto. O modelo ecocentrista vem, aos poucos, ocupando o lugar do modelo egocentrista, centrado na saúde individual ou de pequenas parcelas comunitárias. E esse modelo está intrinsecamente ligado aos conceitos da Saúde única.

Outra linha relevante para atuação do médico veterinário vai além da prevenção e combate às zoonoses, mas tem relação direta com a Saúde pública e até mesmo com a Saúde única. Cabe ao médico veterinário atuar, mesmo que em parceria, na vacinação de animais, na medicação, sanitização de ambiente, controle de pragas, doenças e ajuste alimentar, também orientar o melhor tratamento dos animais mortos, dejetos, etc. Isso se aplica a animais domésticos, mas também a animais destinados à alimentação, o que significa o manejo ou acompanhamento de grandes quantidades tanto de animais quanto de insumos, dejetos, carcaças.

O planejamento dessas ações certamente envolve outros profissionais, nem sempre sendo exclusiva de uma ou outra área; a medicina veterinária atua no planejamento, execução e controle de todos esses processos, mesmo que em parceria, integrando equipes. As atribuições são variadas. Tome-se um caso simples, como a destinação do corpo de um animal acometido por zoonose altamente transmissível. Isso ocorre com enorme frequência em domicílios particulares de zonas urbanas – esporotricose, parvovirose, etc. Ocorre também, eventualmente, em grandes concentrações de animais destinados à alimentação humana, à reprodução, ao lazer. Nas zonas rurais e indústrias dá-se o mesmo, eventualmente com outras zoonoses. Outro caso é o dos produtos dedicados à alimentação e manutenção da saúde dos animais. Esses produtos são igualmente fonte de atenção, necessitando de pesquisa para o entendimento das inovações, antecipando problemas como efeitos secundários graves, bem como para manejo e inspeção. O descarte incorreto de restos alimentares ou de carcaças de animais pode ocasionar enorme dano ambiental, disseminando uma zoonose, por exemplo. O médico veterinário deve atuar nesses casos e na educação relacionada a eles.

Não se deve deixar de lado a atuação na produção da alimentação humana. A proteína animal é ainda central para a nutrição de populações inteiras, tendo relevante papel na economia. Tanto para a saúde dos animais destinados à alimentação quanto no controle de

(SILVA; MANSUR, 2020).

qualidade de alimentos e rações, cabe ao médico veterinário atuar de modo a que a Saúde única seja promovida. Nesse sentido, Santos et al. Afirmam ser evidente a impossibilidade de “imaginar a trajetória para a obtenção de alimentos saudáveis, em processos que compreendem o nascer os animais, seus crescimentos, seus cuidados, suas transformações sem a presença obrigatória do médico veterinário” (2007, p.4). Do mesmo modo quanto à atuação em centros de pesquisa e nos laboratórios em que se formula a alimentação dos animais. Há, certamente, questões éticas a examinar, em todos esses quesitos, mas devem ser levantadas em outra ocasião, dados os objetivos deste trabalho.

Está em apreciação, no Congresso Nacional, projeto de lei que regulamenta o trabalho do médico veterinário no controle de pragas (Projeto de Lei 1367/2022). Convergindo mais essa linha de atuação do médico veterinário com a concepção da Saúde única, percebe-se, como exemplo, que o Manejo Ecológico de Pragas (MEP) já é relevante até mesmo do ponto de vista do comércio internacional, atendendo a demandas de certos mercados.

De modo amplo, a Medicina Veterinária tem um papel difícil e desafiador, que se confronta com o cotidiano cheio de tarefas particulares. Trata-se de participar na educação para o novo paradigma, de modo a transformar a visão individual e social. A educação em Saúde deve gerar efeito – sem ela, lançam-se palavras de ordem e slogans, mas sem convencimento a partir de informação e argumento, nada muda de maneira permanente. Um dos campos centrais da educação é a pesquisa. Se o estudo nas diversas áreas que compõem o saber médico-veterinário é decisivo, também o é a pesquisa que se municia de dados do todo, ordenando as pesquisas e iniciativas particulares, que sem isso apenas se somam, sem direção. Para se tornar realidade, é necessário superar desafios como espaço de pesquisa, aporte financeiro, acesso adequado para as pessoas, profissionais qualificados/capacitados. Os profissionais devem ser formados para além dos conhecimentos técnicos e científicos: devem ser agentes de transformação de comportamento.

3665

Para atingir tal objetivo, precisamos, por isso, mudar a percepção pública sobre a Saúde Única, atuar no planejamento político educacional, no planejamento organizacional da ação, diferentes metodologias e práticas educativas devem ser promovidas, inclusive com mudanças curriculares.

Têm sido cada vez mais frequentes mobilizações em nível regional e municipal de conscientização e ação, e até mesmo de mudanças na legislação. Recentemente, veem-se a implementação de leis municipais sobre o trato e venda de animais domésticos, maus tratos,

etc., bem como campanhas de conscientização. Influenciadores se voltam para o que se nomeia “causa animal”. Os cuidados com animais selvagens que cada vez mais adentram espaços urbanos têm sido, também, objeto de políticas públicas. Tudo isso incide sobre um dos vetores mais acentuados de ligação entre a Medicina Veterinária e a Saúde única: as zoonoses. Do ponto de vista da Medicina Veterinária, as zoonoses têm relevância máxima, sobre a atividade veterinária, lê-se em *Veterinary Public Health & Epidemiology*, por exemplo:

Nosso escopo recobre quatro áreas: Saúde Pública Veterinária, Saúde Única, Epidemiologia e Zoonoses. Enquanto as zoonoses são o problema, o resto são caminhos para controle e prevenção de zoonoses. (...) Saúde Pública Veterinária (SPV) é a soma de todas as contribuições para a completa saúde física, mental e bem-estar social dos seres humanos, por meio da compreensão e aplicação da ciência médica veterinária. SPV impacta a saúde humana reduzindo a exposição a perigos provenientes dos animais, produtos animais e seu ambiente. Saúde Única se define como um mecanismo colaborativo, internacional, trans-setorial e multidisciplinar para enfrentar ameaças e reduzir riscos de doenças infecciosas prejudiciais na interface do ecossistema animal-humano. (NARAYAN et al., 2023, p.5).

Embora a atenção ao conteúdo das afirmações dos autores possa ser reconhecida nas propostas de intervenção de caráter educativo cada vez mais colocadas em prática, sobretudo nos municípios, a partir de casos pontuais de zoonoses, ou sob força de campanhas nacionais também reagindo a epidemias (como a de dengue, no Brasil, já há anos) trata-se em geral de campanhas esporádicas, sou em continuidade, reagindo à proliferação desta ou daquela doença de origem animal. O desafio é construir um modo de vida em que o cuidado positivo com a Saúde não seja reativo, mas ativo, baseado nos novos conceitos – como os do ecocentrismo.

3666

Cartilhas governamentais chamando a atenção para zoonoses mais frequentes são certamente úteis. Raiva, esporotricose, dengue, leishmaniose e outras zoonoses frequentes devem ser objeto dessa precaução e orientação. Do mesmo modo, víruses como aqueles que há poucos anos se transformou em pandemia, com enormes consequências negativas, com centenas de milhares de mortes e danos à economia de grande proporção. Tanto a frequência com que retornam as zoonoses ditas “comuns” quanto a intensidade com que epidemias letais podem reaparecer indicam, porém, que a formação humana, tanto dos cidadãos quanto dos médicos e médicos veterinários, tem que rumar para uma mudança de modos de cuidado vital e gestão social, inclusive do setor produtivo da economia.

Isso vai aos poucos acontecendo. Nos Estados Unidos, o Centro Nacional para Doenças Emergentes e Zoonóticas afirma, em cartilha divulgada na internet (Salvando vidas pelo viés da Saúde única), que trabalhar com diferentes níveis de parceria para “educar jovens rurais em organizações agrícolas [...] sobre a prevenção da disseminação de doenças compartilhadas entre pessoas e animais, como os vírus da gripe zoonótica” atinge “milhares de jovens e suas famílias

em estados rurais dos Estados Unidos” (CDC, 2022). O mesmo documento informa que, por ano, ao redor do mundo, estimam-se cerca de dois bilhões e meio de adoecimentos por zoonose, com quase três milhões de mortes. No Brasil, surgem trabalhos de Medicina Veterinária, nos mais diversos níveis de ensino e aprendizagem, voltados para a educação com foco na Saúde única. A médica veterinária maranhense Ingrid Soares, p.ex., realizou estudo dessa natureza, junto ao ensino fundamental de seu estado, no ano de 2017. Sua pesquisa trata explicitamente da educação sanitária em escolas e do papel do médico veterinário na educação básica em saúde animal. Por sua vez, em volume de 2011 do periódico *Frontiers in Ecology and the Environment*, publicado pela Sociedade Ecológica dos Estados Unidos, os autores do artigo “Integrando uma abordagem de Saúde Única na educação para enfrentar os desafios globais de saúde e sustentabilidade” afirmam que o papel da educação “na concretização do conceito de Saúde Única” é cada vez mais importante”, e logo acrescentam: “a escassez de programas colaborativos para estudantes, a formação ambiental insuficiente para profissionais de saúde e a falta de apoio institucional impedem o progresso” (Barrett et al., 2011, p. 239). Os autores pertencem a um grupo de estudantes de ecologia, medicina, medicina veterinária e saúde pública global, e o propósito explícito de seu trabalho é, como afirmam na sequência, “aprimorar o ensino superior, preparando profissionais de saúde e meio ambiente para lidar com um mundo em constante mudança”. Por fim, em *Advancing One Health education: integrative pedagogical approaches and their impacts on interdisciplinary learning*, um grupo de nove pesquisadores, de diversas nacionalidades, providencia no artigo tabelas com listagem de iniciativas em educação para a Saúde única, ocorridas em universidades integrantes de parcerias internacionais para a área. Entre essas ações, notam-se: programas abrangentes que integram saúde animal, humana e ambiental, envolvendo dezoito conferências e atingindo 1000 alunos; pós-graduação (Master) em Saúde pública (biossegurança) e em Medicina Veterinária (biossegurança); quatro cursos em Saúde única global. Outra importante contribuição do artigo é a proposta de metodologias inovadoras, tais como Aprendizagem baseada em problemas, Aprendizagem baseada em equipe, Educação baseada em simulação (SBE), Aprendizagem baseada em casos (CBL), Workshops e seminários interdisciplinares e Aprendizagem-serviço (SL).

3667

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo mapeou brevemente a modificação do conceito de Saúde, desde as origens da medicina científica, com Hipócrates e Galeno, até a revolução do estabelecimento

das ciências e da técnica moderna, com sua pesquisa especializada. O elemento principal foi mostrar que a ampliação no conceito de saúde acompanhou a modificação no conceito de corpo. De um tratamento que procura o equilíbrio entre substâncias ou humores, e que pensava a saúde em termos de alguns tipos humanos básicos, passa-se a compreender o corpo como complexo, depois a compreender os órgãos em sua formação própria, atribuindo a eles e a seus constituintes adoecimentos específicos, cujo tratamento seria igualmente específico. Ao longo dos séculos, o meio ambiente, sobretudo os animais e plantas, foram se mostrando mais ou menos como agentes de doenças. Mas sempre a saúde permanecia pensada como ausência de adoecimento. Isso começa a modificar-se até chegar à concepção mais integrada com o meio, defendida pela OMS, em 1946.

O papel relevante do médico veterinário para a saúde humana e pública surge ao mesmo tempo que se fortalece a ideia de Saúde única, nas décadas seguintes à definição renovada de saúde proposta pela OMS. A globalização técnica e avanços sobre o meio ambiente levaram a que zoonoses fossem cada vez mais frequentes. Se no passado havia letalidade tão grande quanto hoje, e eventualmente ainda maior devido à falta de recursos científicos, claramente se percebe atualmente um adoecimento geral, que se traduz em inúmeros sintomas, como adicção e depressão, mas também recorrentes surtos de zoonoses, afetando a saúde e a economia públicas.

3668

Conclui-se que a educação para a Saúde única é uma das tarefas centrais da medicina veterinária, tanto no que diz respeito à pesquisa, quanto no que diz respeito à mudança curricular e atuação na formação educacional, propriamente dita. Mostramos que essa concepção é confirmada por publicações e iniciativas ao redor do mundo, atingindo desde escolas do ensino fundamental no Brasil até agrupamentos de universidades, em diversos países. A tarefa é não apenas divulgar zoonoses, mas sobretudo a ideia da Saúde única para que o cuidado com as partes não deixe de lado a atenção à unidade do todo.

REFERÊNCIAS

- BARRETT, MA et al. Integrating an One Health approach in education to address global health and sustainability challenges. In *Frontiers in Ecology and the Environment*. Vol. 9, issue 4. Washington : Ecological Society of America (ESA), 2011. P. 239-245.
- BASTOS, CSP. Medicina veterinária preventiva, Saúde pública, Saúde única e a pandemia. Documento publicizado eletronicamente pelo autor.
- CAI, C. et al. Advancing One Health education: integrative pedagogical approaches and

their impacts on interdisciplinary learning. In *Science in One Health* 3, 2024. Shanghai (CH) : Shanghai Jiao Tong University; Elsevier B.V., 2025.

CDC - CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Saving lives by taking a one health approach: connecting human, animal, and environmental health. [Washington, DC]: National Center for Emerging and Zoonotic Infectious Disease, 2022. Disponível em: <https://www.cdc.gov/one-health/media/pdfs/OneHealth-FactSheet-FINAL.pdf> Acesso em 28 set. 2025

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOX, MW. One Health: Veterinary and Ethical Perspectives. LLC Press, 2024.

HEGENBERG, L. Evolução histórica do conceito de doença. In HEGENBERG, L. Doença: um estudo filosófico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 137 p. ISBN: 85-85676-44-2.

HOREFTI, E. The Importance of the One Health Concept in Combating Zoonoses. *Pathogens*, 2023, 12, 977.

LAÍN ENTRALGO, P. (1963), *Historia de la medicina*. Barcelona: Salvat, 1978.

LOBO, PM et al. Saúde única: uma visão sistêmica. Álvaro Menin (Org.). 1.ed. Goiânia: Editora Alta Performance, 2021. 69 p.

3669

NARAYAN, K.G.; SINHA, D.K.; SINGHA, D.K. Veterinary Public Health & Epidemiology. Singapura: Springer, 2023.

PFUETZENREITER, MR et al. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. In Ciência Rural. Santa Maria (RS), v.34, n.5, set-out, 2004, p.1661-1668.

SILVA, N.L.M; MANSUR, L.K: Ecocentrismo e sua Aplicabilidade em Estudos da Geodiversidade. Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ - Vol. 43-3/2020, p. 412-424. Disponível em: [View of Ecocentrismo e sua Aplicabilidade em Estudos da Geodiversidade](#).

SOARES, I.C.M. Percepção das principais zoonoses em escola de ensino fundamental. Monografia de conclusão de curso (Graduação). Medicina Veterinária. São Luís (MA): Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

SOTO, F. R. M; BERNARDI, F. Programa de educação continuada sobre posse responsável de cães e gatos: a integração entre a Secretaria da Educação e Saúde no município de Ibiúna - SP. Rev. Ciência em Extensão, v.7,n.2,p.130-134.2011. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/508/579 Acesso em: 25/05/2025. Acesso em 28 set.2025.



YAMADA et al. (eds.). *Confronting Emerging Zoonoses - The One Health Paradigm*. Tokyo: Springer, 2014.